

ARABESCO

L'intelligence dessine, mais c'est le cœur qui modèle. — RODIN.

Quando me ponho a olhar para trás vejo já um grande panorama a que não falta nada do que empresta scenografia, beleza e sonho a uma paisagem: montes azuis a diluírem-se, vaporosos, numa pincelada violeta; rebentações auroras da luz entretecendo um *pean* de alegria dionisíaca; cinzas crepusculares de mágoa: escavados cimos pedregosos; idílio, tragédia, êxtase, solidade, pipilos de ave, horas amargas! Há pedaços da minha vida, perdidos no nevoeiro do esquecimento, que eu nem diviso: em compensação, batidos pela luz da memória, vejo bem certos episódios ligeiros, coisas simples que aconteceram há muito — um bibe rasgado num roseiral, um cavalinho a que caiu uma perna, certas lágrimas choradas ao canto de uma saleta, com a cara voltada para a parede... Na memória sentimental não há lógica, pelo menos esta lógica hirta em que a gente teima meter tudo. O que tenho mais vivo é o ressaibo dos sentimentos e das sensações experimentadas: a piedade, o asco, o amor, o ódio, o desespero, o tédio, o remorso, o orgulho — tão fundo na sua doentia hiper-acuidade que chega quási a ser humildade e turvação em face de tudo. Não pensem, porém, que eu me estou a confessar. Isto são notas, apontamentos — simples apontamentos. A confissão perfeita implicaria a santidade ou a depravação. Não sou um santo, nem um cínico. Sou apenas uma alma que quere ser boa e se dá aos pedaços às feras que a não largam.

Há homens — e êsses surgem quási sempre nas épocas de maior dissolução — que tomam sôbre os ombros, como uma cruz, todo o pêso da moral que os outros alijaram. Sangram de escrúpulos ferozes, de virtude exasperada no calvário do seu orgulho sem limites. São heróis e são mártires. No meio dum *jazz-band* de glutões pantagruélicos emagrecem e volatilizam-se voluntariamente.

Basílio Teles foi um dêsses.

Prefiro resolutamente Proudhon a Oscar Wilde, porque acho mil vezes mais beleza no frémito ardente de um coração do que nas atitudes pre-

ciosas de um esteta. A estética vale muito menos do que o sentimento e não há esplendor de formas, nem côr, nem gesto que valham um fio de dôr a chorar solitário...

Todo o meu ser propende para um crêdo como um arco para o arremêso da flecha que o retesa.

Um filho, mesmo quando já tem vinte anos, é sempre tão pequenino que cabe bem à vontade no coração do pai.

De todos os animais existentes, o que mais se parece com os grandes bichos da época terciária é, digam lá o que disserem, o chefe de uma repartição de contabilidade...

Eu desejaria que todos fôssem felizes. A miséria faz-me aflição. A dor humana dilacera-me. E não só a dor humana: até a dor dos bichos. Mas, como eu quero ser absolutamente sincero, não deixarei de dizer já que seria para mim uma catástrofe que, quando a felicidade geral fôsse uma realidade, os outros não me deixassem ser feliz longe deles, da felicidade deles, sózinho como as grandes feras — apenas com a fêmea e a cria.

Como sou um contemplativo gosto muito das árvores, tanto que sou capaz de me apaixonar por uma tília ou por um castanheiro. A única árvore que não me interessa nada — é a genealógica.

Perante as pequenas dificuldades da vida até os fortes vacilam — se é que não são êles, precisamente, os que mais hesitam. As pequenas dificuldades, por isso mesmo que são pequenas, não nos electrizam profundamente, mobilizando as energias latentes do carácter. Mas perante uma catástrofe ou um abismo as almas heróicas decidem-se logo e, no arranque de uma inspiração subitânea, erguem-se, de golpe, a fôda a altura da sua grandeza.

Tanto se pode ser heróico pensando como

agindo. Há silogismos que equivalem, épicamente, à carga de cavalaria de Margueritte.

A alma tem uma sensibilidade melindrosa, volatilíssima, que o corpo oprime e afugenta a cada passo, brutalmente. Quem há aí que a fazer a digestão de uma janturada de bacalhau com batatas jure que sentiu repassar-lhe a alma, e levá-la desmaiada e sonâmbula, o fluido místico do prelúdio do *Parsifal*?

Os anos passam. Veem os cabelos brancos e, com pèzinhos de lã, a velhice, sem mesmo bater à porta, entra-nos em casa. O que vale é que nunca se envelhece completamente: dentro de nós há sempre um recanto onde se refugia a meninice para nos acompanhar, batendo doidamente as palmas aos palhaços — sejam os do Coliseu, sejam os da política — até que nos chega a hora de dizer adeus a isto...

A obra de certos escritores faz-me suspeitar que êles avaliam a Dor Humana — pela dôr de dentes.

BOURBON E MENESES.